


Citação bibliográfica: Sposito, E.S., Silva, K.A.A. da, & Novack, P.N. (2025). Espaços de consumo e reestruturação das cidades: uma leitura a partir de Ribeirão Preto – SP e Mossoró – RN. *Ikara. Revista de Geografias Iberoamericanas*, (7). <https://doi.org/10.18239/Ikara.3683>

Espaços de consumo e reestruturação das cidades: uma leitura a partir de Ribeirão Preto – SP e Mossoró – RN

Eliseu Savério Sposito ¹ 

Késia Anastácio Alves da Silva ² 

Paula Neumann Novack ^{1*} 

Resumo: Nas últimas três décadas, com a transição do modelo de acumulação fordista para o modelo flexível, têm sido observadas diversas transformações na divisão territorial do trabalho em diferentes escalas no território brasileiro. Essas mudanças abrangem desde a reestruturação da rede urbana até a escala intraurbana (reestruturação das cidades). Na escala da cidade, tanto em áreas metropolitanas quanto em cidades médias, nota-se a emergência de novos espaços de consumo que, por vezes, são segmentados socialmente, e apontam para uma redefinição da lógica centro-periferia. Nesse contexto, o presente trabalho analisa o processo de reestruturação da cidade a partir da emergência de novas concentrações de comércio e serviços em duas cidades médias: Ribeirão Preto (SP) e Mossoró (RN). A partir dos dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), foi investigada a formação das novas concentrações e a tipologia das atividades presentes nesses novos espaços de consumo.

Palavras-chave: reestruturação da cidade; centralidade; novos espaços de consumo.

Espacios de consumo y reestructuración de las ciudades: una lectura desde Ribeirão Preto – SP y Mossoró – RN

Resumen: En las últimas tres décadas, con la transición del modelo de acumulación fordista al modelo flexible, se han observado diversas transformaciones en la división territorial del trabajo en diferentes escalas del territorio brasileño. Estos cambios abarcan desde la reestructuración de la red urbana hasta la escala intraurbana (reestructuración de las ciudades). En la escala de la ciudad, tanto en áreas metropolitanas como en ciudades intermedias, se nota la emergencia de nuevos espacios de consumo que, en ocasiones, están socialmente segmentados y apuntan a una redefinición de la lógica centro-periferia. En este contexto, el presente trabajo analiza el proceso de reestructuración de la ciudad a partir de la aparición de nuevas concentraciones de comercio y servicios en dos ciudades intermedias: Ribeirão Preto (SP) y Mossoró (RN). A partir de los datos del Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), se investigó la formación de las nuevas concentraciones y la tipología de las actividades presentes en estos nuevos espacios de consumo.

Palabras clave: reestructuración de la ciudad; centralidad; nuevos espacios de consumo.

¹ Universidade Estadual Paulista (Brasil). * Autor/a para la correspondencia: paulanovack@gmail.com

² Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil).

Fontes de financiamento: O presente artigo resulta da pesquisa “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (Fra-gUrb)”, desenvolvida na modalidade Projeto Temático e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no período de 2018 a 2024 (Processo FAPESP: 18/07701-8). Este texto também está vinculado a outras pesquisas financiadas pela FAPESP, no âmbito de Bolsas de Pós-Doutorado, relacionadas ao projeto mencionado (processos 2022/01519-9 e 2019/04392-7).

Spaces of consumption and city restructuring: analysis of Ribeirão Preto – SP and Mossoró – RN

Abstract: In the last three decades, with the transition from the Fordist accumulation model to the flexible model, various changes have been observed in the territorial division of labor at different levels within Brazilian territory. These changes range from the restructuring of the urban network to the intra-urban level (restructuring of cities). At the urban level, both in metropolitan and medium-sized cities, new consumption spaces are emerging, sometimes socially segmented, indicating a redefinition of the center-periphery logic. In this context, this paper analyzes the process of urban restructuring through the emergence of new concentrations of commerce and services in two medium-sized cities: Ribeirão Preto (SP) and Mossoró (RN). Using data from the National Registry of Legal Entities (CNPJ), the emergence of these new concentrations and the typology of activities present in these new consumption spaces were analyzed.

Keywords: urban restructuring; centrality; new consumer spaces.



1. INTRODUÇÃO

As cidades, no período contemporâneo, tanto em escalas metropolitanas quanto intermediárias, e em diferentes formações socioespaciais, têm sido marcadas pela emergência de novas concentrações de comércio e serviços que se expandem para além do centro principal e/ou tradicional. Esses novos polos, em geral, são atravessados por fluxos multiescalares e apontam para uma redefinição no par centro-periferia. Essas concentrações emergentes, que apresentam também forma e conteúdo hodiernos, transformam a estrutura pretérita, indicando processos de reestruturação na escala intraurbana. Conforme afirma Santos (2008, p. 107), “a chegada do novo causa um choque. Quando uma variável nova se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelece outras. Todo o lugar muda”. Esse aspecto leva a deduzir que os processos estão em movimento, em tensão entre o existente e o novo que se apresenta e exige, principalmente, o uso de metodologia adequada para sua abordagem. Os três elementos citados - o existente, o novo e a metodologia - colocam em pauta a necessidade de, tanto em termos teóricos quanto empíricos, a partir do recorte definido por duas cidades intermediárias no Brasil, analisar e explicar por que a estrutura delas se transforma com o aparecimento de novos espaços de consumo.

Em outras palavras, compreendemos que a emergência de novos espaços de consumo, como *shopping centers*, assim como a ascensão de novas áreas centrais que concorrem com o centro principal, redefinem a estruturação da cidade e geram, também, tensionamentos entre o novo que se estabelece e a estrutura gestada no passado. Como o presente trabalho se insere nas discussões sobre o processo de reestruturação das cidades associado à emergência de novos espaços de consumo, são necessárias algumas considerações sobre estruturação e reestruturação urbana e das cidades. De acordo com Corrêa (2000), a estrutura da cidade é conformada pelo conjunto de diferentes usos do solo justapostos, como o centro – área de concentração de comércio, serviços e fluxos, as áreas industriais, as áreas residenciais (que apresentam conteúdos sociais distintos e variam de acordo com os grupos sociais), áreas de lazer, vazios urbanos entre outros elementos. Essa estrutura, constituída historicamente por diferentes agentes e grupos sociais não é estática, mas está sujeita a processos de estruturação, desestruturação e reestruturação, de acordo com o tempo histórico, o modelo de acumulação vigente e as tensões entre os diferentes agentes e grupos sociais.

Concordamos com Soja (1993) que afirma que a reestruturação, seja produtiva, urbana ou relacionada às cidades, implica numa ruptura com lógicas passadas e dominantes até então, apontando para uma redefinição nas configurações econômicas, políticas, sociais, culturais e espaciais. Para Sposito (2007), a concepção de Soja sobre o termo reestruturação é pertinente, considerando que, desde a década de 1970, vivenciamos mudanças nas lógicas produtivas e de acumulação bem como redefinições nas escalas da rede

urbana e das cidades que apontam uma ruptura com as lógicas pretéritas. Sposito (2007) distingue as reestruturações a partir das escalas geográficas. Nesse sentido, a reestruturação urbana seria inerente às dinâmicas e processos relacionados aos espaços regionais, ocorridos no âmbito da rede urbana, enquanto a reestruturação da cidade abarca as dinâmicas e processos na escala intraurbana.

Destacamos que o processo de estruturação e reestruturação da cidade está intrinsecamente relacionado ao papel e ao conteúdo dos centros e à emergência de novas centralidades. Entendemos, portanto, que a centralidade é um elemento fundamental para a compreensão dos processos de organização do espaço urbano (Salgueiro, 1994). Assim, é necessário esclarecer nossa compreensão sobre centro e centralidade. O centro pode ser definido como uma concentração de atividades econômicas, administrativas, de lazer e fluxos, que é “localizável e localizada na cidade, distinguindo-se pela complexidade, abrangência e pela possibilidade de hierarquização” (Whitacker, 2007, p. 2). Já a centralidade não é determinada pela localização em si, “mas pelas articulações entre localizações, uma vez que expressa relações espaciais. A centralidade, assim compreendida, é cambiante” (Whitacker, 2007, p. 2). Até este ponto, já mostramos que há originalidade, do ponto de vista empírico, na abordagem de duas cidades intermediárias no Brasil, localizadas em duas formações socioespaciais diferentes no mesmo país pois por meio dos processos de estruturação e reestruturação da cidade, a formação de novos centros nelas são importantes para demonstrar a mudança no seu conteúdo.

Com outras bases para comparações, na América Latina, há estudos que tratam do centro e da centralidade por meio das atividades comerciais, como é o caso de González-Hernández (2024), que estudou o comportamento da centralidade de comércios e serviços por economias internas e externas em Zacatecas-Guadalupe, mostrando como os centros e subcentros têm suas densidades modificadas em três décadas; Paris (2011), utilizando metodologia quantitativa, formula um modelo para mostrar como as funções centrais se realocizam na cidade, procurando detectar o papel territorial dos lugares de centralidade na estrutura do território; Calderón e Garcia, estudando as cidades espanholas, afirmam que não há um formato único para elas porque é preciso compreender que há “muitas peças que animam a construção dinâmica do espaço urbano” (2018, p. 283); Alves (2011) já adiantava que os shopping centers exercem papel importante na formação de novos subcentros, consubstanciando novas centralidades, redefinindo funções, principalmente comerciais, em seu entorno; Pavan (2025) estuda a reestruturação das centralidades intra urbanas em cidades médias a partir da localização em dois momentos do comércio, levando em consideração, também, as práticas dos consumidores.. Esses estudos são exemplos de que o centro das cidades se transforma em termos de conteúdo ao longo do tempo, que novos centros geram outras centralidades nas cidades e de que os centros de compra são elementos que exercem movimento centrípeto em relação às atividades de comércio.

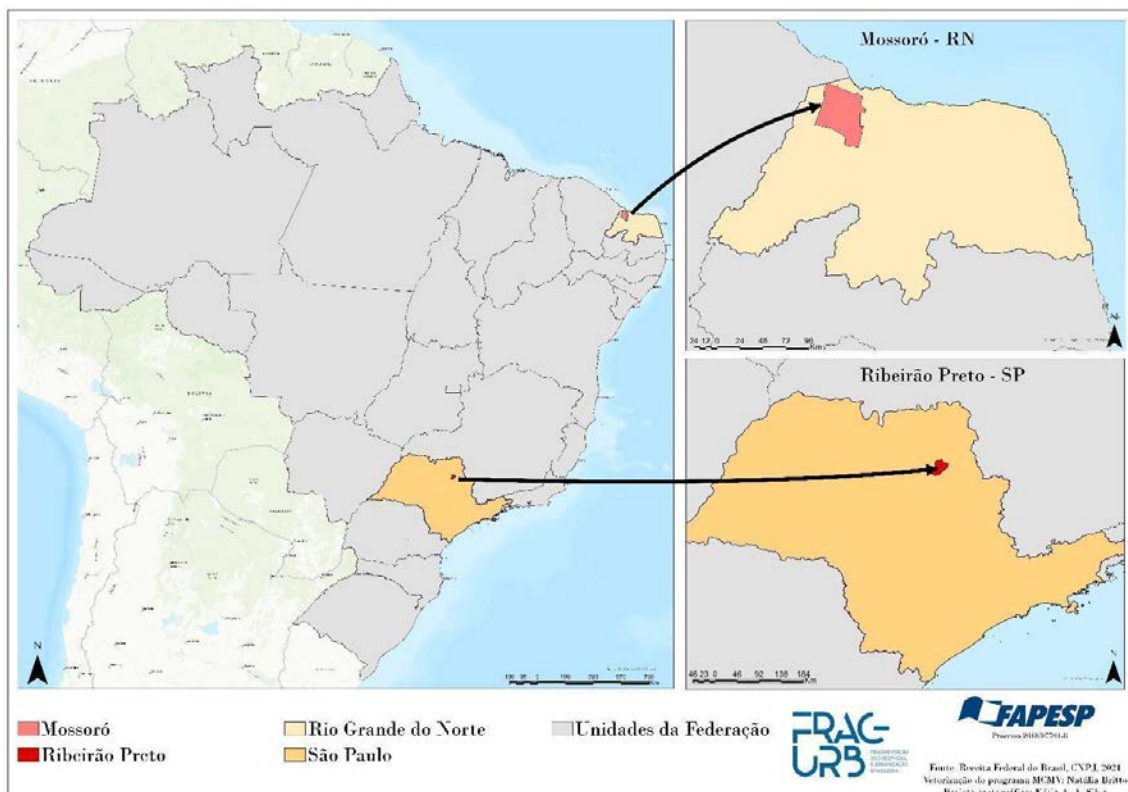
Continuando a trabalhar com o conceito de centro, do ponto de vista funcional, ele é concebido como uma área diversificada que pode concentrar atividades terciárias, produtivas, administrativas, entre outras. É o espaço da troca, da concentração de informação e um ponto que favorece o contato pessoal (Salgueiro, 2013). Como nó de concentração de atividades econômicas e sociais, "o centro é uma área para onde todos se deslocam, para a interação dessas atividades com as demais, realizadas no interior da cidade ou fora dela" (Sposito, 1991, p. 2). Por ser uma área de atração de fluxos materiais e imateriais, e por conter funções especializadas que a distinguem no contexto da divisão social do espaço, a área central expressa a qualidade de centralidade em comparação com outros elementos da estrutura urbana; em alguns casos, a centralidade exercida por determinada porção da cidade extrapola a escala intraurbana. A centralidade é um processo dinâmico que atua na organização socioespacial do espaço urbano. Em síntese, o conceito pode ser entendido como a capacidade de um elemento central exercer polarização, mesmo que localizado em áreas geograficamente periféricas. O termo descreve o poder de atração e difusão de determinados elementos, como um centro urbano, comercial, cultural, financeiro, entre outros (Choay & Merlin, 1996). A centralidade é, portanto, uma qualidade de determinadas áreas da cidade, que se modifica temporal e espacialmente.

De acordo com Whitacker (2007, p. 3), a reestruturação urbana e das cidades no contexto contemporâneo aponta para uma redefinição das centralidades e das áreas centrais, "relacionada à espacialização da produção e para um sistema mais complexo de centros, subcentros e centros especializados dentro da cidade e em áreas externas ao tecido urbano". Essa dinâmica evidencia a emergência de centralidades complexas (Sposito, 2010), pois são atravessadas por fluxos multiescalares e complementares. Observa-se, também, a presença de multi centralidades (emergência em números de diversas centralidades) e de multi(poli)centralidades, isto é, centralidades que competem entre si e que são segmentadas funcional e socialmente (Sposito, 2010).

Por se tratar de uma área de concentração, a dimensão econômica –ou seja, a densificação das atividades comerciais e de serviços– é um elemento importante para a compreensão das áreas centrais e da estruturação urbana. O surgimento de novos espaços de consumo também é relevante para entender a emergência de novas áreas centrais e o processo de reestruturação das cidades. Segundo Salgueiro (1994, p. 177), o estudo das áreas comerciais e de serviços é inevitavelmente ligado à temática do centro e centralidade, “seja pelo seu crescimento e especialização, pela sua migração ou, mais recentemente, pela sua fragmentação, com o aparecimento de novos centros alternativos nas cidades, onde estruturas policêntricas substituem a configuração mononucleada”.

Assim, neste texto, ao investigar a emergência de novos espaços de consumo como *shopping centers* e novas áreas de concentração de comércios e serviços que competem com o centro principal, analisamos o processo de reestruturação de duas cidades brasileiras localizadas em distintas formações socioespaciais: Ribeirão Preto-SP e Mossoró-RN (Figura 1).

Figura 1. Localização de Ribeirão Preto e Mossoró.



Fonte: elaborado pelos autores.

Dessa forma, ao considerar a centralidade como um processo dinâmico e relacional, e as cidades como espaços continuamente produzidos e reconfigurados por diferentes agentes e lógicas, propomos neste trabalho uma análise comparativa entre as cidades mencionadas anteriormente, com o intuito de

compreender como a emergência de novos espaços de consumo participa dos processos de reestruturação urbana e da redefinição das centralidades. As duas cidades, situadas em contextos regionais e socioeconômicos distintos, oferecem oportunidades analíticas para apreender tanto as tendências comuns quanto às especificidades locais desses processos. A análise busca, portanto, contribuir para a compreensão das transformações espaciais contemporâneas nas cidades brasileiras, a partir da observação das novas dinâmicas comerciais e das formas emergentes de organização do espaço urbano.

Destaca-se que o estudo sobre as centralidades urbanas e sua relação com a reestruturação das cidades não é recente. Como demonstrado anteriormente, diversos autores já apontaram a emergência de novos espaços de consumo em distintos contextos latino-americanos. No caso das cidades europeias, esse processo também foi amplamente analisado, sobretudo a partir do final do século XX, impulsionado pelas transformações associadas à globalização e às dinâmicas de metropolização do espaço urbano. O grupo de investigação liderado pelo professor Carles Carreras Verdaguer, da Universidade de Barcelona, é uma referência fundamental neste campo de investigação. Estudos como “Os novos espaços de consumo em Barcelona” (Carreras, 1994) demonstram a transição da tradicional “cidade industrial” para a “cidade dos consumidores” (Carreras, 2005), inserindo o consumo como um eixo analítico central para a compreensão da morfologia e da dinâmica urbana contemporânea. Diversos trabalhos deste grupo evidenciaram como o desenvolvimento de novas formas de comércio (como grandes superfícies e shopping centers) não apenas dispersa e fragmentada as funções comerciais, mas também gera novas expressões de centralidade autônomas em espaços periféricos ou metropolitanos (Carreras et al., 2020), configurando uma complexa estrutura espacial policêntrica que desafia o modelo de centralidade único e tradicional. A contribuição de Carreras reside em analisar a espacialização dessas mudanças e o modo como elas reescalam as relações entre produção, consumo e território.

Para além desses trabalhos, é notável também os trabalhos da geógrafa Teresa Barata Salgueiro que se debruçou sobre mudanças na Área Metropolitana de Lisboa. A autora analisou a dispersão e a fragmentação das funções urbanas (Salgueiro, 1997), demonstrando como a proliferação de novos espaços de consumo ao longo de eixos de mobilidade contribuiu para a constituição de uma metrópole policêntrica e fragmentada (Salgueiro, 2001), onde as novas centralidades de consumo competem e coexistem com o centro histórico, reconfigurando profundamente a distribuição espacial das atividades e os padrões de mobilidade e sociabilidade dos consumidores.

O presente trabalho insere-se nesse debate ao analisar a emergência de novos espaços de consumo no contexto de duas cidades médias brasileiras, avançando na discussão sobre centralidades e reestruturação urbana em três sentidos. Em primeiro lugar, contribui ao examinar o processo de reestruturação urbana em cidades médias inseridas em diferentes formações socioespaciais, o que permite compreender as especificidades e heterogeneidades desse fenômeno para além das metrópoles. Em segundo lugar, o estudo inova nos procedimentos metodológicos, incorporando o uso de bases de dados de CNPJs como fonte empírica para a análise da dinâmica urbana e econômica, ampliando as possibilidades de leitura sobre a distribuição e a especialização dos estabelecimentos comerciais e de serviços. Por fim, o trabalho articula a análise das transformações dos espaços de consumo com a emergência de processos de fragmentação socioespacial, evidenciando como as novas centralidades se relacionam com a produção de desigualdades territoriais e a reorganização das formas de coesão e segregação no espaço urbano contemporâneo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem comparativa entre as cidades de Ribeirão Preto (SP) e Mossoró (RN), com o objetivo de captar, conforme propõe Sposito (2016), os elementos gerais, particulares e singulares no processo de reestruturação urbana. A comparação entre cidades com formações socioespaciais distintas, mas atravessadas por dinâmicas semelhantes de modernização e consumo, permite compreender as tendências comuns e as especificidades locais nas transformações do espaço urbano.

A investigação foi conduzida em dois momentos analíticos principais. No primeiro, realizou-se uma análise histórico-estrutural sintética sobre a produção e organização do espaço urbano em cada uma das cidades, com base em fontes secundárias e literatura acadêmica. Essa etapa teve por objetivo compreender os principais vetores de crescimento urbano, as características da centralidade tradicional e os processos de expansão territorial que moldaram a urbanização local.

No segundo momento, aprofundou-se a análise sobre a concentração espacial de atividades comerciais e de serviços, com foco na emergência e consolidação de grandes superfícies de consumo –especialmente os shopping centers– como novos pólos de centralidade urbana. Tal análise foi conduzida de forma temporal e qualitativa, com recorte em dois momentos distintos: os anos de 1990 e 2021, buscando identificar permanências e mudanças nas lógicas locais dessas atividades ao longo do tempo.

A principal base de dados utilizada foi o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), disponibilizado publicamente pela Receita Federal do Brasil. O banco de dados foi tratado como recurso metodológico para a análise socioespacial, conforme propõem Silva e Britto (2024), permitindo a espacialização e categorização das atividades econômicas nas áreas urbanas das duas cidades. A análise partiu de uma dupla perspectiva: (i) a localização temporal das atividades, ou seja, o ano de abertura dos estabelecimentos; e (ii) os conteúdos dessas atividades, considerando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) como critério para sua qualificação.

Foram delimitadas cinco áreas em cada cidade –o centro principal e as zonas norte, sul, leste e oeste– para possibilitar a comparação entre diferentes porções do tecido urbano. Em cada uma dessas áreas, foram mapeadas e analisadas qualitativamente as principais atividades econômicas, com destaque para os serviços de saúde, educação, comercialização de alimentos (mercados, supermercados, hipermercados e atacarejos) e comercialização de vestuário. A escolha dessas atividades se justifica por sua centralidade nas novas lógicas locais da produção do espaço urbano em cidades médias, conforme argumenta Pereira (2014), dada sua relevância tanto na organização do cotidiano urbano quanto na redefinição das centralidades urbanas contemporâneas.

Essa estratégia metodológica permitiu identificar como as transformações nas formas de consumo e na localização dos serviços contribuem para a reconfiguração do espaço urbano e a emergência de novas centralidades, revelando as particularidades de cada cidade no contexto mais amplo da urbanização brasileira recente.

Essa metodologia, que utiliza um banco de dados na escala nacional, é uma fonte específica do Brasil e, por esta razão, limita a comparação com estudos de outros países. Por outro lado, é uma proposta de procedimento que pode estimular tanto estudos no Brasil (utilizando a mesma fonte de dados) quanto em outros países ibero-americanos (que poderão encontrar outras fontes que possam auxiliar na explicação da formação de subcentros em cidades intermediárias e da dinâmica comercial delas).

3. NOVOS ESPAÇOS DE CONSUMO E AS TRANSFORMAÇÕES NA ESTRUTURAÇÃO DAS CIDADES

A ascensão de novos espaços de consumo nas cidades brasileiras, especialmente em cidades médias, têm desempenhado um papel central na reorganização das dinâmicas urbanas e na reconfiguração da estrutura intraurbana. Shopping centers, centros comerciais e outras grandes superfícies de consumo não apenas diversificam as ofertas de bens e serviços, mas também introduzem novas centralidades, que muitas vezes competem com os centros tradicionais, alterando os fluxos urbanos e as formas de apropriação do espaço. Essa transformação está inserida em um contexto mais amplo de mudanças nas lógicas produtivas, nos padrões de consumo e nas estratégias de reprodução do capital no espaço urbano. Nesta seção, discutimos como esses novos espaços de consumo atuam como vetores de reestruturação das cidades, influenciando a distribuição das atividades econômicas e a configuração das centralidades urbanas, com base na análise empírica das cidades de Ribeirão Preto (SP) e Mossoró (RN).

3.1 Os novos espaços de consumo em Ribeirão Preto

Ribeirão Preto, cidade situada no nordeste do estado de São Paulo, tem suas origens em meados do século XIX, da mesma maneira que muitas outras, pois foi a partir da doação de terrenos, por parte dos proprietários rurais locais, para a Igreja católica que se definiu a localização do patrimônio, em 2 de novembro de 1845. A vila tornou-se cidade em 1896 na área ocupada, primeiramente, pela expansão da agricultura e da pecuária a partir de migrantes provenientes do estado de Minas Gerais, em virtude tanto da decadência das áreas de minas quanto por pessoas que fugiram das convocações para a guerra do Paraguai. No final do século XIX, “a chegada da ferrovia, juntamente com a produção do café, dinamizou a área que já contava com inúmeros municípios e ligações ferroviárias com o porto de Santos, por onde se exportava a produção” (Sposito, 2024). A indústria cresceu, desde a primeira metade do século XX, nos ramos de bebidas e alimentos, principalmente. A chegada de imigrantes europeus, principalmente italianos, também mudou a dinâmica econômica da área porque substituiu a mão de obra escrava. A produção de café foi muito importante até o evento da crise mundial de 1929, que provocou a decadência das grandes propriedades por causa das dificuldades de exportação do café, o que levou à mudança nos produtos agrícolas, tendo o algodão, a cana de açúcar, o milho, o arroz e, no início da década de 1970, a laranja, como produtos que substituíram o café (FIPE, 2019, p. 9). A laranja, principalmente, tornou-se produto importante por causa da exportação, para a Europa, do suco industrializado. Em seguida, a produção de etanol a partir da cana-de-açúcar tornou-se importante porque mudou o perfil econômico da região, que teve, também, desenvolvimento industrial a partir desse fenômeno. Em outras palavras, o município e seu entorno formam uma área importante na produção agropecuária associada ao agronegócio (Elias, 2003), à metrópole paulista e aos circuitos internacionais associados à exportação de produtos agrícolas (Sposito, Melazzo, 2024).

Assim, inserida na formação socioespacial da economia cafeeira e no contexto da ocupação resultante desse ciclo econômico no norte e oeste paulista, Ribeirão Preto é marcada pela ascensão da monocultura da cana-de-açúcar e pela modernização incompleta ocorrida na metade do século passado (Elias, 2003). A modernização, pautada na lógica das *commodities*, impactou os campos político, social, econômico e a produção do espaço urbano. As contradições entre o "novo e o velho" e o "externo e o interno" (Santos, 1996) resultaram na incompletude desse processo de modernização, cujos reflexos aprofundaram as desigualdades socioespaciais no período contemporâneo.

Esses processos sociais e econômicos, juntamente com a atuação de agentes locais e externos, influenciaram na estruturação do espaço urbano, imprimindo formas de organização que permanecem até os dias atuais. Mesmo diante de novos processos e lógicas de produção do espaço urbano, as formas de organização pretéritas ainda são evidentes e, por vezes, reforçadas pelas novas dinâmicas. Um exemplo disso é a desigualdade socioespacial entre as porções norte e sul da cidade de Ribeirão Preto, uma característica advinda de sua origem, que se intensificou ao longo do século XX. No entanto, os processos que intensificam e transformam essa dinâmica ao longo do tempo e que são reforçados ou superados na contemporaneidade, precisam ser analisados com maior profundidade. Com o objetivo de contribuir para essa análise, neste tópico focalizamos na emergência de novas áreas centrais, especificamente na zona sul de Ribeirão Preto. Acreditamos que o surgimento dessa nova área central reflete a consolidação de uma estrutura urbana policêntrica, em função da segmentação socioespacial estabelecida pela frequência e pelos usos em novas áreas de concentração de comércios e serviços, conforme demonstrado por Silva *et al.* (2021).

Em Ribeirão Preto, a emergência de novos espaços de consumo, aliada à intensificação da incorporação de espaços residenciais auto segregados no anel rodoviário periférico ao sul da cidade, é um fenômeno crescente desde a década de 1990. Embora o primeiro espaço residencial fechado tenha sido incorporado na zona sul em 1956, foi apenas na década de 1990, e especialmente na virada para o século XXI, que esse eixo urbano apresentou crescimento vertiginoso e valorização significativa com a construção de três grandes shopping centers e mais de 115 condomínios residenciais entre 1990 e 2021 (Pozzo, 2015; Zamboni, 2018; Silva et al, 2025). Na Figura 2, é possível observar a emergência das novas

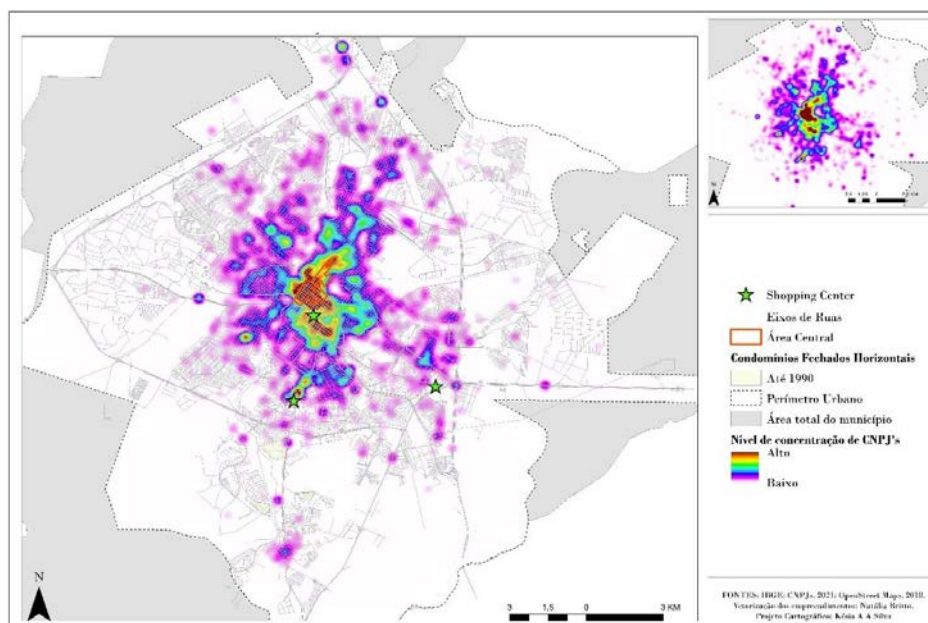
áreas de concentração de atividades econômicas por meio da espacialização dos CNPJ voltados a atividades comerciais e de serviços, juntamente com a expansão dos espaços residenciais fechados em dois momentos: em 1990 e em 2021.

O surgimento de novas áreas centrais, elucidado pelos mapas da Figura 2, revela uma expressiva concentração na área delimitada pelo centro principal que se expande em direção à zona sul. No entanto, a expansão do centro principal para o setor sul não ocorreu de modo espontâneo, mas envolveu um conjunto amplo de interesses, articulações e sinergias, em um ambiente de incertezas, onde o poder público, por meio da regulação do espaço juntamente com os agentes econômicos –em especial através da coalizão expressa na formação do Grupo de Desenvolvimento Urbano (GDU) (Zamboni, 2018).

Apesar de o primeiro *shopping center* em Ribeirão Preto ter sido inaugurado em 1981, atuando como um elemento indutor inicial dessas novas morfologias espaciais de consumo, a consolidação dessa nova centralidade na zona sul se intensificou no período compreendido entre 2000 e 2021. Essa temporalidade é analiticamente relevante, pois, após o empreendimento pioneiro, o desenvolvimento se deu de forma escalonada, com o *Shopping Santa Úrsula* em 1998, o *Novo Shopping* em 1999 e o *Shopping Iguatemi* em 2013, consolidando o eixo sul. O processo demanda ênfase no fato de que a inserção e a produção dessas grandes superfícies de consumo foram estrategicamente articuladas e concomitantemente acompanhadas pela expansão dos espaços residenciais auto segregados (condomínios fechados) na mesma área, indicando uma co-produção planejada da infraestrutura de consumo e da moradia que, por sua vez, contribui para a estruturação de uma policentralidade e acentua a segmentação socioespacial do tecido urbano (Silva et al., 2025).

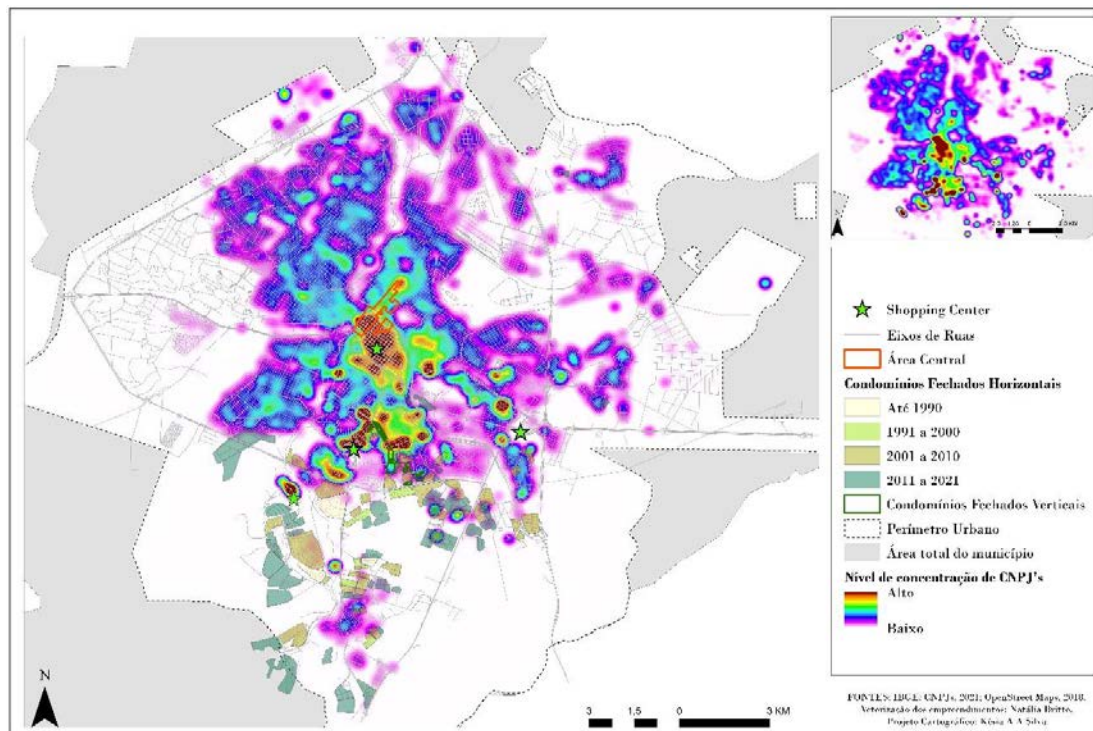
De acordo com Barcella (2018), o Grupo de Desenvolvimento Urbano de Ribeirão Preto (GDU-RP), criado no início da década de 1990, constituiu-se como uma empresa de consultoria de planejamento urbano, no contexto de intensificação do neoliberalismo no país e redução da capacidade de enfrentamento dos municípios frente à crise fiscal e política após o novo pacto federativo. Em sua acepção original, a empresa tinha como função a prestação de serviços especializados em planejamento urbano para o poder público municipal, sendo responsável pelo planejamento de várias áreas na cidade, apesar de, ao longo das décadas, concentrar seus projetos e prospecções na zona sul, especialmente através dos projetos de incorporação de shopping centers e espaços residenciais fechados, como veremos na sequência.

Figura 2. Ribeirão Preto: Concentração do Comércio e dos Serviços 1990



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 3. Ribeirão Preto: Concentração do Comércio e dos Serviços 2021



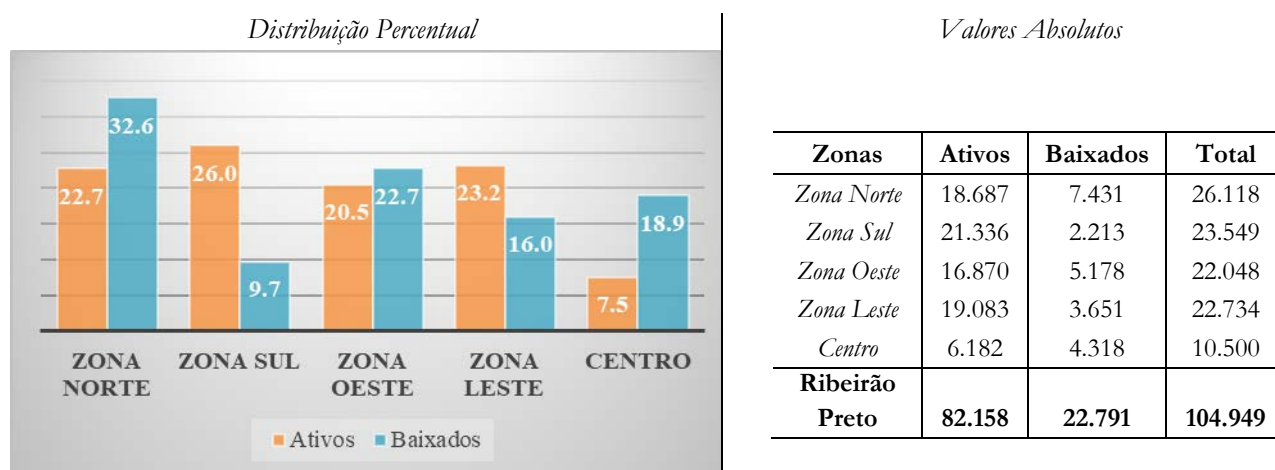
Fonte: elaborado pelos autores.

Calil e Feldman (2003), ao analisarem a expansão e a setorização do centro principal de Ribeirão Preto desde o século XIX, observaram que as transformações na área central estavam, inicialmente, relacionadas à mudança do uso do solo de residencial para comercial. A expansão, segmentação e emergência de novas áreas centrais em Ribeirão Preto acompanharam o crescimento do centro principal em direção às avenidas Nove de Julho e Independência, posteriormente deslocando-se para a avenida Presidente Vargas, em consonância com a migração das residências da população de mais alta renda. Contudo, foi apenas após 1991 que se verificou um adensamento mais expressivo no extremo sul da cidade de residências e de atividades comerciais e de serviços voltados aos segmentos de mais alta renda, principalmente após a construção do Ribeirão Shopping, em 1989, pelo grupo Multiplan. Cabe salientar que, além dessa grande superfície de consumo, a zona sul de Ribeirão Preto abriga outros dois *shopping centers*: o Novo Shopping, construído pelo grupo Savoy em 1999 e voltado principalmente para os grupos econômicos C e D; e o Parque Shopping Iguatemi, do grupo Iguatemi, destinado aos grupos A e B, incorporado e inaugurado em 2013 por esse grupo, que atua em escala nacional. Este último empreendimento foi desenvolvido em parceria com agentes incorporadores focados na produção de espaços residenciais fechados demonstrando sinergias entre a produção residencial e a criação de espaços de consumo voltados para os grupos sociais de mais alta renda.

Nesse contexto, a concentração de comércios e serviços na zona sul, em contraste com a área central e outras zonas da cidade, pode ser mais bem elucidada pelo Gráfico e a Tabela 1, que apresenta a distribuição dos CNPJ de comércio e serviços abertos e fechados entre 1964 e 2021. Dos 104.949 cadastros ativos e baixados vinculados às atividades de comércio e serviços, aproximadamente 21% foram baixados (fechados) ao longo das últimas décadas, e 78% encontravam-se ativos em 2021. Ao comparar o vetor sul com outras áreas, nota-se diferenciais no número absoluto e no percentual de pessoas jurídicas. A área que concentra o maior número de cadastros (baixados e ativos), entre os 104 mil existentes no município, é a zona norte (26.118 CNPJ) porém, deste total, 28% encontram-se baixados. Já o quadrilátero central possui 10.500 no total. Em termos percentuais, foi a área que mais apresentou baixas,

com cerca de 41 % desde a década de 1960 até os dias atuais. Quanto à zona sul, a área apresenta um total de 23.549 vínculos de pessoas jurídicas e a menor baixa de cadastros ao longo do tempo; do total que se concentra na porção territorial, apenas 9 % foram baixados. Devido a este fato, comparado com as outras zonas do município, o vetor sul é a área que apresenta, tanto em números relativos quanto absolutos, o maior número de CNPJ ativos em 2021. Em outras palavras, a zona sul de Ribeirão Preto foi a área que mais apresentou aberturas de empresas no período 2010/2021.

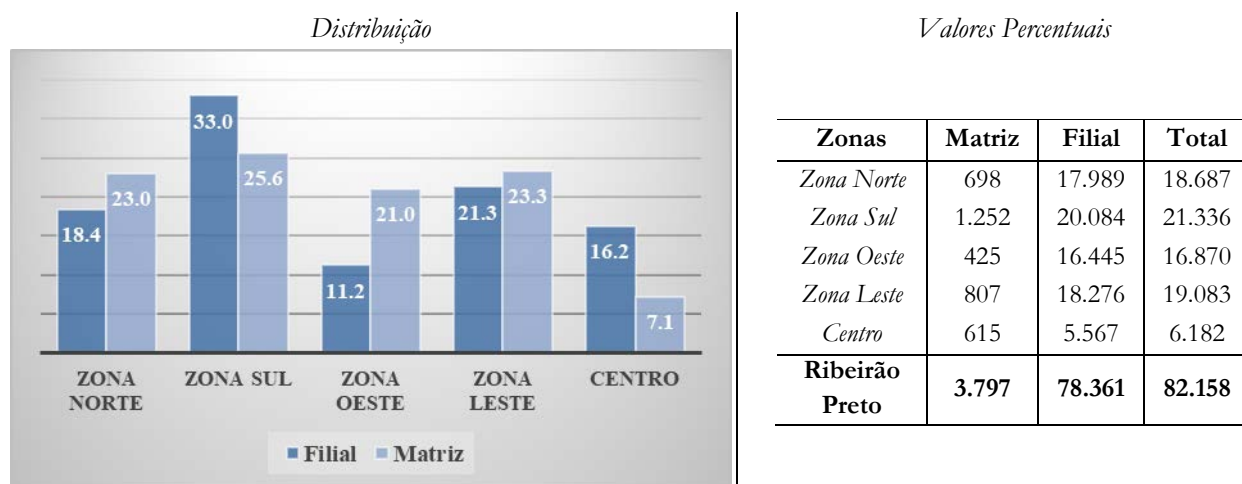
Figura 4 & Tabela 1. Ribeirão Preto - Distribuição de CNPJ de comércio e serviços abertos e fechados por zonas da cidade (1964-2021)



Fonte: Receita Federal do Brasil – Banco de CNPJ (2021).

Figura 4 e Tabela 1 apresentam um conjunto de dados que buscam qualificar esses cadastros e elucidar a especialização da porção sul de Ribeirão Preto em comparação com outras partes da cidade. Essa afirmação mostra que estamos falando de uma perspectiva histórica e territorial. O Gráfico 2, ao representar a distribuição percentual de CNPJ ativos em 2021, segundo a tipologia do estabelecimento (matriz ou filial), evidencia a multiescalaridade que qualifica determinadas áreas. A concentração de CNPJ que não têm Ribeirão Preto como sede fiscal é mais preponderante na zona sul do que em outras partes do município. Dos 3.797 estabelecimentos classificados como filiais, cerca de 33 % (1.252) estavam alocados na zona sul, enquanto apenas 7 % localizavam-se na zona central. Destas 1.252 filiais, 434 estabelecimentos em 2021 encontravam-se em um dos três grandes *shopping centers* localizados na zona sul. Grande parte dessas filiais tem sua sede fiscal em outro município do estado de São Paulo, e aproximadamente 10 % têm sede fiscal em outro estado. Esta caracterização desvela a relação multiescalar que se configura através dos estabelecimentos e algumas lógicas e estratégias espaciais (Sposito & Sposito, 2017) de determinadas atividades econômicas. Empresas que não são da cidade de Ribeirão Preto demonstram preferir instalar suas filiais (ou franquias) nas centralidades que foram se constituindo no vetor sul, em vez do centro principal.

Figura 5 & Tabela 2. *Ribeirão Preto - Distribuição de CNPJs de comércio e serviços ativos por tipologia (Matrizes e Filiais) e zonas da cidade, 2021*



Fonte: Receita Federal do Brasil – Banco de CNPJ (2021).

A tipologia das atividades econômicas predominantes em cada região de Ribeirão Preto é apresentada na Tabela 3, que exibe a distribuição percentual de CNPJ ativos conforme algumas das atividades econômicas estabelecidas pela CNAE. Observa-se que a zona sul concentra a maior parte do comércio varejista voltado para a venda de vestuário, hipermercados e serviços privados nas áreas de Educação e Saúde. Em contrapartida, as zonas norte e leste abrigam principalmente os atacadistas de produtos alimentícios. Embora a concentração de atividades no centro seja menor em comparação com outras regiões, isso pode ser atribuído à menor extensão territorial dessa área. No entanto, é importante destacar a alta densidade de serviços e comércios a cada 300 m², na área central, conforme ilustrado na Figura 5.

Tabela 3. *Ribeirão Preto - Distribuição percentual de CNPJ de comércios e serviços ativos por tipologia de atividades e zonas da cidade, 2021*

Atividade Econômica	Área					Ribeirão Preto
	Zona Norte	Zona Sul	Zona Oeste	Zona Leste	Centro	
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	22,69	23,41	22,78	20,57	10,56	4443
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados	23,81	28,57	23,81	23,81	0,00	21
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados	33,11	14,19	21,62	24,32	6,76	148
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e arma	37,93	10,66	29,57	17,87	3,97	957
Comércio atacadista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios	27,59	13,79	27,59	27,59	3,45	29
Educação	12,39	38,50	16,23	25,18	7,70	4392
Saúde	8,77	48,61	10,31	21,41	10,90	5007

Fonte: Receita Federal do Brasil – Banco de CNPJ (2021).

Destaca-se que a concentração dessas tipologias de atividades na zona sul relaciona-se ao perfil socioeconômico dos moradores e à estruturação da região por parte dos agentes que buscaram produzir um espaço misto, com áreas que condensam a moradia, o trabalho, o lazer e o consumo para um determinado grupo social. A constituição de áreas centrais voltadas a sujeitos sociais de estratos sociais mais altos e as práticas espaciais realizadas podem acentuar a segmentação e a diferenciação socioespacial, devido à substituição do consumo e do lazer em áreas que propiciam o encontro com o diferente para áreas que possibilitam o encontro entre iguais. A substituição no uso e apropriação de determinados centros, por vezes, tem gerado a degradação e perda do prestígio social das áreas centrais principais.

Ao contrário de serem conceitos contraditórios, os espaços residenciais auto segregados e a emergência de novas centralidades na zona sul de Ribeirão Preto devem ser compreendidos como facetas complementares do processo de fragmentação socioespacial da cidade. Conforme demonstrado por Dal Pozzo (2015), o termo "auto segregação" não implica isolamento completo, mas sim o estabelecimento de um conjunto de práticas espaciais e relações sociais segmentadas. As novas centralidades de consumo, representadas pelos grandes *shopping centers* e eixos comerciais qualificados, são intencionalmente produzidas e localizadas para atender à demanda segmentada dos moradores dos condomínios fechados e bairros de alta renda do setor sul. O consumo realizado nesses novos polos, que buscam oferecer exclusividade, segurança e status, reforça uma perspectiva reticular de uso do espaço, onde os grupos sociais mais abastados priorizam circuitos fechados e homogêneos que conectam a residência segregada ao consumo segmentado. Dessa forma, a policentralidade emergente atua como um mecanismo de reprodução e aprofundamento das desigualdades socioespaciais em Ribeirão Preto, onde a diferenciação de classes se manifesta tanto no local do morar quanto nos espaços qualificados para o lazer e o consumo.

3.2. Os novos espaços de consumo em Mossoró

Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, possui uma configuração socioespacial peculiar, construída ao longo dos últimos dois séculos. Fundada em 1852, a cidade desempenhou, ao longo de sua história, importantes papéis econômicos, sendo atualmente habitada por 264.577 pessoas, de acordo com o IBGE (2022), com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,720 e uma renda per capita de R\$23.290,37 (Novack et al., 2025).

Para compreender a estrutura urbana e social de Mossoró, é fundamental considerar as transformações ocorridas na "evolução das atividades econômicas da região" e na própria cidade ao longo do tempo (Elias e Pequeno, 2010, p.109). Sua história econômica inclui ciclos de tropeirismo, produção de algodão, carnaúba e sal, com destaque recente para o petróleo e a fruticultura (Elias & Pequeno, 2010). A expansão urbana de Mossoró, a partir da década de 1960, foi caracterizada pela desordenada produção de moradias em bairros periféricos, seguindo as principais rodovias que ligam o município às cidades de Natal e Fortaleza. Esse processo resultou na criação de "espaços de segregação residencial e de segmentação social, concentrados no centro tradicional", além de conflitos entre os usos residenciais e comerciais (Elias & Pequeno, 2010, p. 11).

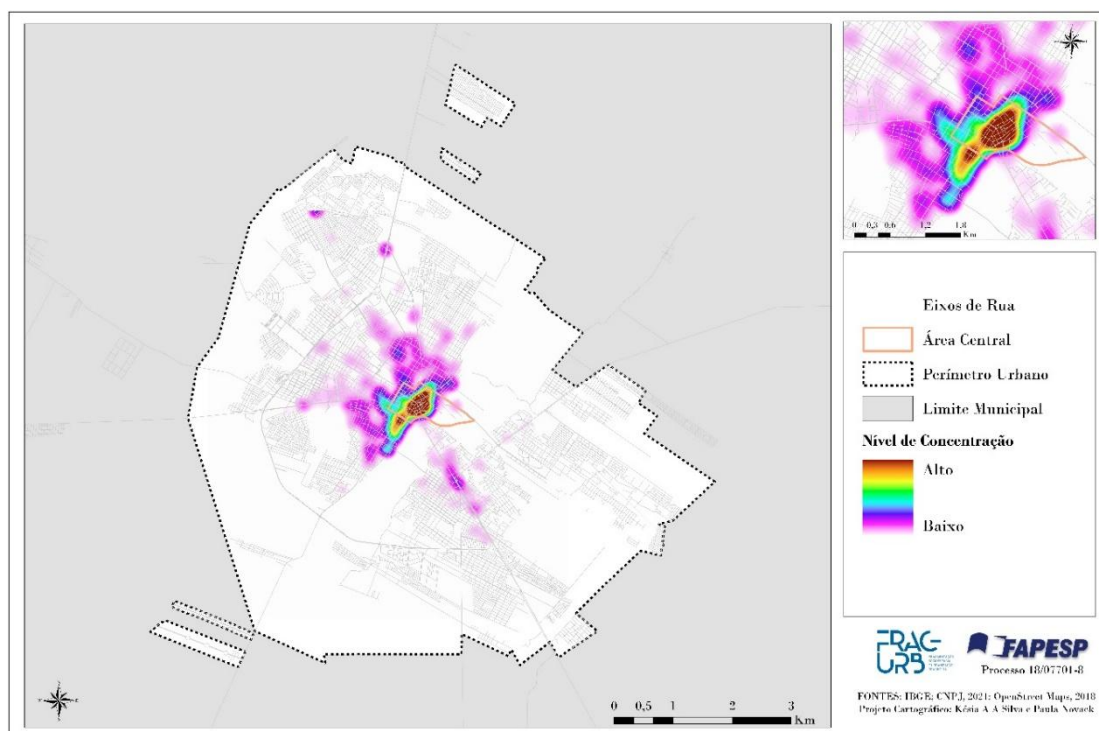
Durante momentos de crise econômica, como na década de 1980, o poder das lideranças políticas locais contribuiu para a implantação de um assentamento rural em Serra do Mel, distrito de Mossoró, e para a construção de conjuntos habitacionais financiados pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH). Nos anos 1990, a chegada da Petrobras incentivou a ocupação de áreas periféricas, transformando as relações de trabalho no campo com a exploração de petróleo. Paralelamente, a introdução da agricultura científica, impulsionada pelo processo de globalização, modificou a relação entre cidade e campo, pela divisão territorial do trabalho (Elias e Pequeno, 2010).

Em escala regional, Mossoró exerce uma função de centralidade, atraindo pessoas para o "consumo de bens específicos, a realização de cursos de nível superior, a utilização de serviços de saúde especializados, a compra de insumos e a comercialização de produtos agropecuários" (Elias & Pequeno, 2010, p. 120). O processo, contudo, ocorre de forma seletiva, favorecendo determinadas áreas e gerando uma maior dinâmica em espaços específicos da região. Como consequência, observa-se uma "acentuada

dicotomia entre uma agricultura realizada em moldes mais extensivos e o agronegócio” (Elias & Pequeno, 2010, p. 132). A expansão do agronegócio, impulsionada pela mecanização e pelo progresso técnico, consolidou a produção capitalista voltada à exportação de produtos agrícolas, ao mesmo tempo em que reforça a segregação socioespacial nas cidades, evidenciada pela convivência entre áreas residenciais exclusivas e espaços favelados (Elias & Pequeno, 2010; Novack et al., 2025).

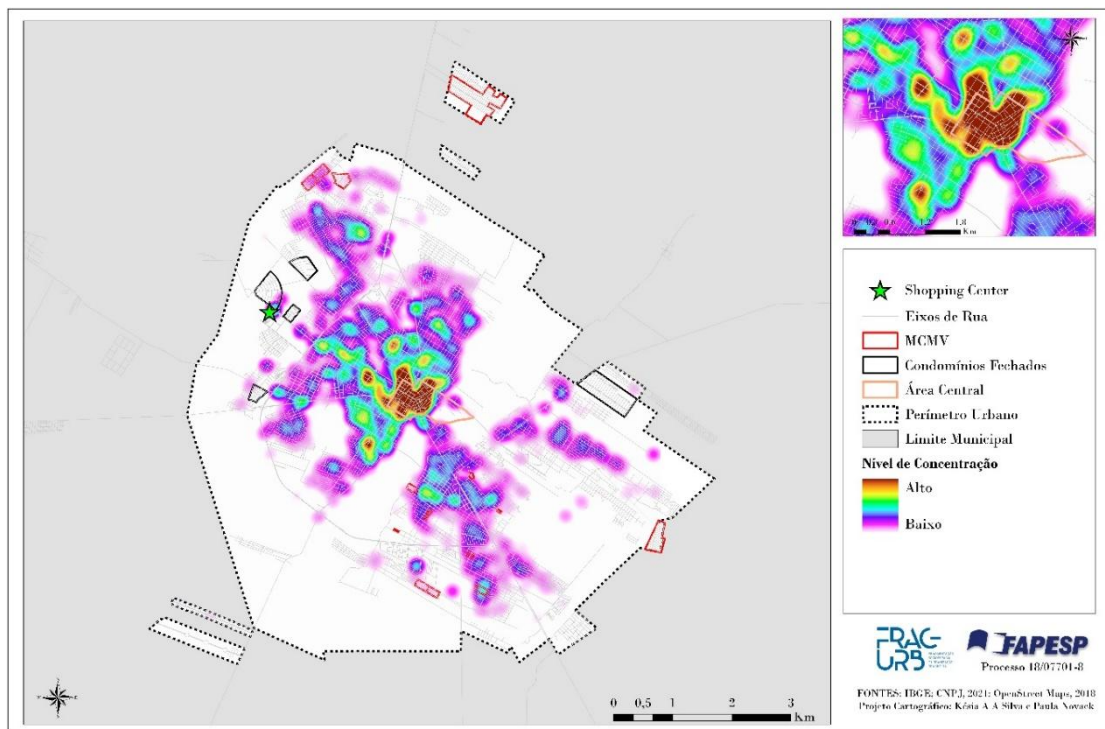
A cidade tem passado por mudanças profundas em sua configuração espacial, evidenciando uma tendência de crescente concentração de grupos de maior poder aquisitivo nos bairros que se expandem na direção noroeste. Tal área, além de abrigar um *shopping center*, vem atraindo empreendimentos imobiliários de alto padrão, com a construção de espaços residenciais fechados, voltados para públicos de maior poder aquisitivo. Ao mesmo tempo, o centro da cidade, que mantém um importante papel na dinâmica urbana, recebeu investimentos voltados para a preservação de seu patrimônio cultural e arquitetônico. Tais esforços visam reforçar a identidade de Mossoró, que associa o centro a um significativo passado e promove a valorização simbólica dessa área. Nota-se, pelo mapa da Figura 7, que a concentração dos CNPJ se intensificou nos últimos 30 anos no centro seguindo em direção ao noroeste da cidade, coincidindo com a localização do *shopping center* e dos espaços residenciais fechados.

Figura 6. Mossoró: Concentração de Comércio e Serviços 1990



Fonte: elaborado pelos autores.

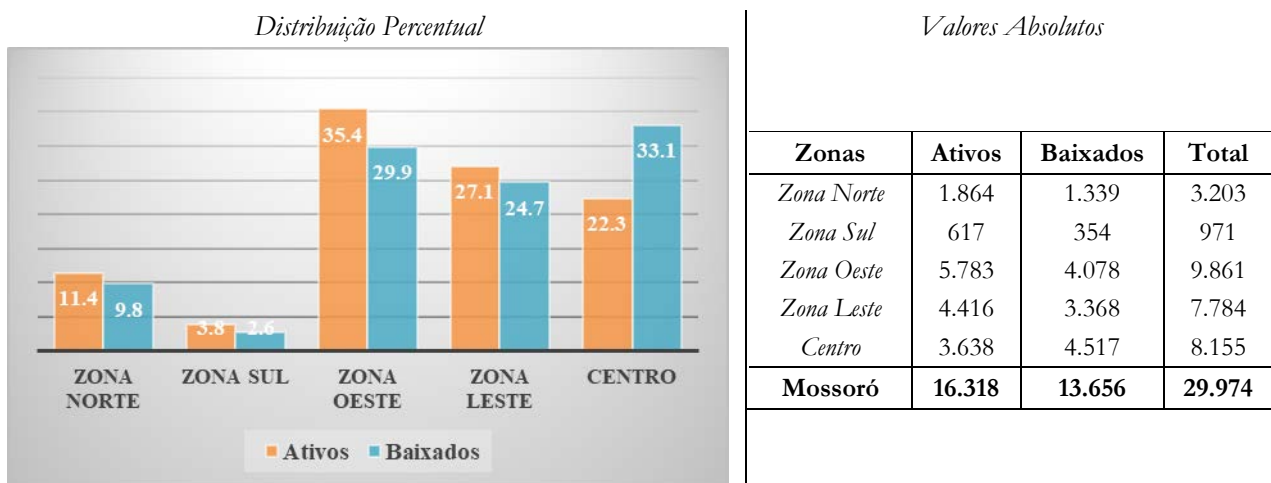
Figura 7. Mossoró: Concentração de Comércio e Serviços 2021



Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados analisados na Figura 8 e Tabela 4 fornecem uma visão detalhada de distribuição cadastral de estabelecimentos e atividades econômicas em diferentes zonas da cidade, mostrando a dinâmica de abertura e encerramento de CNPJ. De maneira geral, analisando a distribuição de 1964 a 2021, observa-se que um pouco mais da metade dos registros realizados permanecem ativos, enquanto uma porcentagem expressiva, cerca de 45,6 %, foi baixada. O equilíbrio entre atividades ativas e baixadas sugere uma certa estabilidade, com um fluxo constante de novos empreendimentos sendo compensados pelo encerramento de outros.

Figura 8 & Tabela 4. Mossoró - Distribuição de CNPJ de comércio e serviços ativos e baixados por zonas da cidade (1964-2021)



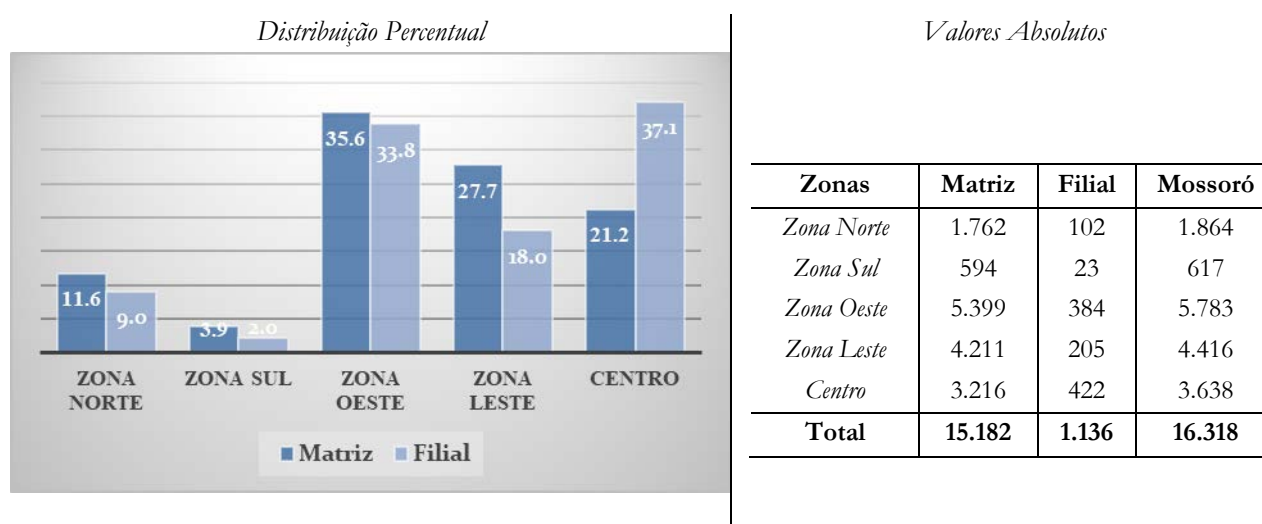
Fonte: Receita Federal do Brasil – Banco de CNPJ (2021).

Na zona norte, com 58,2 % dos CNPJ ativos, percebe-se uma relativa estabilidade e crescimento no comércio e outras atividades econômicas. Os dados indicam que a zona tem conseguido se manter como área favorável para a concentração de comércios e serviços. Por outro lado, a zona sul, apesar de apresentar um número menor do total de registros, se sobressai pela maior proporção de atividades ativas, atingindo 63,6 %. Os números indicam uma área de menor concentração e volume econômico, que tem menos rotatividade e tende a ser menos diversificada.

A zona oeste tem o maior número de registros, com 32,9 % do total da cidade. A predominância das atividades ativas reforça sua posição de destaque, revelando uma área de dinamismo com forte concentração comercial e atividades em expansão. Representa uma área econômica importante para a cidade, com um forte poder de atração e manutenção de atividades. A zona leste apresenta uma distribuição bem próxima à média geral da cidade, com 56,7 % de atividades ativas. Tal zona se mostra relativamente equilibrada em termos de movimentação cadastral, sem grandes variações que afetem sua estrutura econômica. Por outro lado, o centro é a única zona onde os registros baixados superam os ativos, com 55,4 % de atividades encerradas. A inversão pode refletir um processo de declínio econômico na área central, possivelmente associado à migração de negócios para outras áreas mais dinâmicas da cidade, como a Zona Oeste.

Os dados da Figura 9 e Tabela 5 representam o número de empresas, divididas entre matrizes e filiais, distribuídas pelas diferentes zonas geográficas de uma cidade. Essa análise permite observar a distribuição espacial dos negócios e a concentração de matrizes e filiais em cada zona. A zona oeste lidera com uma participação significativa de 35,4 % do total de empresas, das quais 93 % são matrizes. A predominância de matrizes indica que a zona oeste funciona como uma importante área econômica da cidade.

Figura 9 & Tabela 5. Mossoró - Distribuição de CNPJ de comércio e serviços ativos por tipologia (Matrizes e Filiais) e zonas da cidade, 2021



Fonte: Receita Federal do Brasil – Banco de CNPJ (2021).

A zona leste corresponde a 27,1 % do total de empresas, com uma proporção menor de filiais em relação às matrizes. O centro, apesar de apresentar uma quantidade absoluta de empresas menor que a zona oeste e leste, possui a maior concentração de filiais (422). Os dados indicam que o centro desempenha um papel administrativo ou de prestação de serviços, atendendo as áreas periféricas da cidade.

As zonas norte e sul apresentam o menor número de empresas representando, juntas, menos de 15 % do total. Além disso, o número de filiais é bastante reduzido, o que indica que essas áreas têm menor

poder de atração para a instalação de negócios em comparação com as outras. As zonas oeste e leste se destacam como as áreas com maior concentração de negócios, enquanto o centro tem um papel mais estratégico, com grande quantidade de filiais, o que sugere uma função administrativa ou de suporte às demais zonas.

Na análise dos dados da Tabela 6, o comércio varejista de artigos de vestuário em Mossoró revela diferenças significativas entre as zonas da cidade. A zona leste destaca-se como o principal pólo fora do centro, com 33,87 % do total do setor, refletindo um crescimento econômico expressivo. O centro, embora ainda importante, apresenta uma concentração de 28,06 %, indicando uma possível descentralização comercial. A zona leste também se sobressai com 24,23 %, sugerindo um perfil de desenvolvimento comercial significativo. Por outro lado, a zona norte, com 10,16 %, e a zona sul, com apenas 3,68 %, mostram participação mais modesta, provavelmente em razão de características socioeconômicas menos favoráveis ou menor densidade populacional.

Tabela 6. *Mossoró - Distribuição percentual de CNPJ de comércios e serviços ativos por tipologia de atividades e zonas da cidade, 2021*

Atividade Econômica	Área					Mossoró
	Zona Norte	Zona Sul	Zona Oeste	Zona Leste	Centro	
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	10,16	3,68	33,87	24,23	28,06	1.358
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - hipermercados	14,29	4,76	47,62	19,05	14,29	21
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados	15,79	7,02	26,32	29,82	21,05	57
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e arma	18,18	7,50	36,59	25,91	11,82	440
Comércio atacadista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios	25,00	0,00	40,00	10,00	25,00	20
Educação	11,00	3,35	35,57	34,61	15,47	627
Saúde	11,26	5,16	38,17	29,27	16,14	1.821

Fonte: Receita Federal do Brasil – Banco de CNPJ (2021).

A análise dos dados sobre o comércio varejista de produtos alimentícios revela forte concentração na zona oeste, que se destaca tanto pelos hipermercados quanto pelos supermercados. No setor de hipermercados, a zona oeste lidera com 47,62 %, consolidando-se como o principal polo de consumo. A zona leste também apresenta uma participação expressiva, de 19,05 %, seguida pelo centro e zona norte, ambos com 14,29 %, indicando distribuição moderada desses estabelecimentos. A zona sul tem a menor participação, com 4,76 %, sugerindo uma oferta limitada. Em relação aos supermercados, a zona leste lidera com 29,82 % da área dedicada a esses estabelecimentos, seguida pela zona oeste com 26,32 %, confirmando sua importância no setor. O centro tem uma participação de 21,05 %, refletindo uma descentralização do comércio. A zona norte, com 15,79 %, e a zona sul, com 7,02 %, apresentam menor concentração, sugerindo uma oferta reduzida e possivelmente uma menor demanda ou infraestrutura comercial menos desenvolvida. Os dados indicam uma tendência de descentralização do comércio, com a zona oeste mantendo uma posição dominante, especialmente em hipermercados, enquanto a zona leste se destaca no setor de supermercados.

Os dados sobre o comércio varejista e atacadista de mercadorias alimentícias mostram que a zona oeste é predominante tanto em minimercados, mercearias e armazéns, com 36,59 %, quanto no comércio atacadista, com 40 %. Os dados indicam alta concentração desses estabelecimentos na área, refletindo maior demanda e infraestrutura desenvolvida. A zona leste segue com 25,91% no varejo de alimentos e 10% no atacado, destacando-se, mas com menor intensidade que a zona oeste. A zona norte tem presença moderada de ambos os setores, com 18,18 % no varejo e 25 % no atacado. O centro tem participação menor no varejo (11,82 %) e no atacado (25 %), sugerindo uma especialização mais tradicional e menos dominante. A zona sul apresenta a menor participação no varejo (7,50 %) e nenhum envolvimento no atacado, indicando oferta reduzida e uma possível falta de infraestrutura para grandes operações comerciais.

Com relação às áreas dedicadas à educação e saúde revela-se uma concentração significativa desses serviços nas zonas oeste e leste. A zona oeste lidera tanto em educação (35,57 %) quanto em saúde (38,17 %), sugerindo que essa área possui infraestrutura significativa, possivelmente devido à sua densidade populacional. A zona leste também apresenta alta participação em ambos os setores, com 34,61 % em educação e 29,27 % em saúde, indicando oferta substancial e desenvolvimento contínuo. Em contraste, o centro tem participação menor, com 15,47 % em educação e 16,14 % em saúde, refletindo um papel menos centralizador e, possivelmente, oferta mais diversificada. A zona norte, com 11,00 % em educação e 11,26 % em saúde, e a zona sul, com 3,35 % em educação e 5,16 % em saúde, mostram menor concentração, o que pode ser devido a uma menor demanda ou pelas características residenciais dessas áreas. Os dados evidenciam uma especialização, com as zonas oeste e leste sendo predominantes no fornecimento de serviços educacionais e de saúde, enquanto o centro, norte e sul têm uma presença mais limitada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre Ribeirão Preto e Mossoró evidencia que, apesar das diferenças marcantes em seus contextos regionais e históricos, ambas as cidades seguem uma lógica comum de reestruturação urbana ancorada no aparecimento de novos espaços de consumo. Essa convergência aponta para um padrão de transformação dessas duas cidades brasileiras (que consideramos como cidades médias por seu papel de intermediação na rede urbana) em direção à fragmentação e à diferenciação socioespacial – que pode ser considerado, também, como fenômeno que ocorre na rede urbana brasileira – promovidas por processos de valorização imobiliária, investimentos em grandes equipamentos de consumo, como shopping centers, e pela atuação de agentes econômicos em escala local e nacional.

Em termos de formação socioespacial, Ribeirão Preto insere-se em uma região economicamente mais dinâmica, marcada pela modernização agroindustrial, pela integração aos circuitos globais do agronegócio e pela presença de uma infraestrutura urbana consolidada (comércio forte, centros de compras, serviços médicos, empresas voltadas para as tecnologias mais modernas e ensino superior). Mossoró, por sua vez, situada no interior nordestino, expressa um processo de reestruturação urbano-regional mais recente e desigual, embora impulsionado por vetores como a exploração do petróleo, a fruticultura exportadora e a expansão do ensino superior. Essas diferenças estruturais se traduzem em distintos ritmos e formas de urbanização, mas que convergem em um processo comum de deslocamento da centralidade urbana tradicional.

A partir dos dados do CNPJ, nas últimas três décadas, observa-se uma descentralização funcional e econômica, com deslocamento das atividades comerciais e de serviços para áreas valorizadas e voltadas às camadas sociais de maior renda. Em Ribeirão Preto, a zona sul configura-se como nova centralidade dominante, com forte presença de *shopping centers* e condomínios fechados, articulando consumo, moradia e lazer de forma integrada. Já em Mossoró, a zona oeste assume papel semelhante, também marcado por centralidades emergentes ligadas ao consumo e à reprodução da elite local.

Tais espaços representam formas contemporâneas de centralidade segmentada, em que o consumo deixa de ser um vetor integrador da cidade e passa a reforçar a lógica da homogeneidade social e da

exclusão territorial. A preferência por instalar filiais em *shopping centers* voltados às classes A e B, em detrimento do centro tradicional, reforça o processo de esvaziamento simbólico das antigas áreas centrais. Este movimento acarreta consequências diretas no dinamismo econômico, aumento da vacância comercial e menos prestígio urbano dessas áreas, com maior concentração de estabelecimentos voltados para públicos de menor poder aquisitivo.

Ademais, a análise das atividades econômicas mostra que as zonas mais dinâmicas concentram não apenas o varejo tradicional, mas também serviços de maior valor agregado, como saúde e educação privadas, revelando um reforço da polarização urbana. Enquanto isso, as zonas norte e sul (no caso de Mossoró), ou leste e oeste (em Ribeirão Preto), apresentam menor dinamismo e menor presença de filiais, indicando uma diferença econômica e a manutenção de territorialidades periféricas pouco integradas ao novo modelo urbano.

Portanto, os processos de reestruturação observados em Ribeirão Preto e Mossoró demonstram que, mesmo em contextos distintos, o padrão urbano neoliberal produz centralidades funcionais seletivas que intensificam as desigualdades socioespaciais. O crescimento das cidades passa a se pautar cada vez mais pela lógica da fragmentação socioespacial, na qual o acesso ao consumo, à mobilidade e aos serviços é condicionado pela renda e pelo capital imobiliário. Esses elementos exigem uma reflexão crítica sobre os rumos da urbanização brasileira, a atuação dos agentes públicos e privados na (re)produção do espaço urbano e a necessidade de políticas que visem à reversão das desigualdades socioespaciais.



Declaração responsável: Os autores declaram que não existe conflito de interesses em relação à publicação deste artigo. As contribuições dos autores estão distribuídas da seguinte forma: Eliseu Sposito participou da redação de parte da introdução e foi responsável pela seção referente ao estudo de caso de Ribeirão Preto; Kasia Anastácio elaborou a seção metodológica, contribuiu para a introdução e desenvolveu as análises correspondentes a Ribeirão Preto; e Paula Novack foi responsável pela seção dedicada ao estudo de caso de Mossoró, bem como pela redação das conclusões do artigo.

5. REFERÊNCIAS

- Alves, L.A. (2011). Reestruturação urbana e criação de novas centralidades: consideração sobre os shopping centers. *Caminhos de Geografia*, 12(37), 171-184. <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>
- Barcella, B.L.S. (2018). *A dinâmica dos agentes imobiliários e suas estratégias fundiárias em cidades médias: da reprodução do capital à reprodução das desigualdades socioespaciais* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Brasil). <https://repositorio.unesp.br/items/d85d6167-9511-4c22-83d7-b0507a6cf5a1>
- Calderón C.B., & García, C.J.L. (2018). La estructura de las ciudades españolas: un complejo entramado de relaciones entre permanencias y cambios, formas y usos. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, (77), 283-314. <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/30106>
- Calil Junior, O. (2003). *O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização* (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil). <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-16062021-175850/en.php>
- Carreras, C. (1994). Os novos espaços de consumo em Barcelona. *Finisterra*, XXIX(57), 103-117. <https://doi.org/10.18055/Finis1849>
- Carreras, C. (2005). Da cidade industrial à cidade dos consumidores: Reflexões teóricas para debater. En A.F.A. Carlos & C. Carreras (Orgs.), *Urbanização e Mundialização: Estudos sobre a Metrópole*. Editora Contexto.
- Carreras i Verdaguer, C., Fraga Clols, L., & Ciuró, E. M. (2020). Rescaling Retail and Consumption in the contemporary Barcelona area. *Bollettino Della Società Geografica Italiana*, 3(1), 37-49. <https://www.torrossa.com/en/resources/an/4981631#page=39>

- Choay, F., & Merlin, P. (1996). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Presses Universitaires de France.
- Corrêa, R.L. (2000). *O espaço urbano*. Ática.
- Dal Pozzo, C.F. (2017). Fragmentação socioespacial: práticas espaciais do consumo segmentado em Ribeirão Preto e Presidente Prudente. *Revista da ANPEGE*, 11(16), 279-324. <https://doi.org/10.5418/RA2015.1116.0012>
- Elias, D. (2003). *Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto*. Edusp.
- Elias, D., & Pequeno, R. (2010). Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. En M.E. Sposito, D. Elias & B.R. Soares (Orgs.), *Agentes econômicos, reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró* (pp. 101-283). Expressão Popular.
- González-Hernández, G.M. (2024). Comportamiento de la centralidad de comercios y servicios por economías internas y externas en Zacatecas-Guadalupe (1990-2018). En J.E.I. Egurrola, *Economía y territorio. Procesos de cambio y reestructuración territorial* (pp. 123-152). UNAM.
- Novack, P.N., Silva, K.A.A., & Sposito, E.S. (2025). Usos e apropriações do espaço urbano através das práticas de mobilidade cotidiana: Os casos de Chapecó, Santa Catarina, e Mossoró, Rio Grande do Norte. *Geografares*, (40), e45483. <https://doi.org/10.47456/geo.v5i40.45483>
- Paris, M. (2013). De los centros urbanos consolidados a los lugares de centralidad: una propuesta metodologica para su estudio. *Ciudades*, 16, 47-69. <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/10345>
- Pavan, M.C L. (2025). Novas centralidades, dinâmicas espaciais na reestruturação urbana nas cidades médias. *Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana*, 23(4), 01-25. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10155971>
- Salgueiro, T.B. (1997). Metrópole policêntrica e fragmentada. *Finisterra*, XXXII(63), 179-190. <https://doi.org/10.18055/Finis1784>
- Salgueiro, T.B. (2001). *Lisboa. Periferia e Centralidades*. Celta Editora.
- Salgueiro, T.B. (2013). Do centro às centralidades múltiplas: novos tempos, espaços e perspectivas. En J.R. Fernandes & M.E.B. Sposito (Orgs.), *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras* (pp. 45-59). CEGOT.
- Santos, M. (2008). *A urbanização brasileira*. Edusp.
- Silva, K.A.A., & Britto, N.D.S.S. (2024). O Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica como recurso metodológico para as pesquisas socioespaciais: potencialidades e limitações da base de dados nacional. *Caminhos de Geografia*, 25(99), 279-300. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/10514>
- Silva, K.A.A., Teixeira, V.M.L., & Sposito, E.S. (2021). Novas expressões de centralidades urbanas e a diferenciação socioespacial: um olhar através das práticas espaciais. *Geografares*, 1(33), 113-139.
- Soja, E.W. (1993). *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica* (R. Monte-Mór, Trad.). Jorge Zahar.
- Sposito, E.S. (2025). *Ribeirão Preto*. In E.S. Melazzo (Org.), *Entre a casa e a cidade. Múltiplas escalas geográficas e fragmentação socioespacial* (pp. 569-578). Consequência.
- Sposito, E.S., & Melazzo, E.S. (2024). A produção da moradia e a mobilidade urbana. O caso de Ribeirão Preto. *Boletim Goiano de Geografia*, 44(1), 1-25. <https://doi.10.5216/bgg.v44i1.76493>
- Sposito, M.E.B. (1991). Estruturação urbana e centralidade. En *Encuentro de geógrafos de América Latina*, 3 (pp. 44-55). Anais.
- Sposito, M.E.B. (2007). Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In M.E.B. Sposito (Org.), *Cidades médias: espaços em transição* (pp. 233-253). Expressão Popular.
- Sposito, M.E.B. (2010). Multi(poli)centralidade urbana. In E.S. Sposito & J.L. Sant'Anna Neto (Org.), *Uma geografia em movimento* (pp. 199-228). Expressão Popular.

- Sposito, M.E.B. (2016). Oportunidades e desafios da pesquisa urbana comparada. In O. Firkowski et al. (Org.), *Estudos urbanos comparados: oportunidades e desafios da pesquisa urbana comparada* (pp. 25-60). Universidad Nacional de Tucumán.
- Sposito, M.E.B., & Sposito, E.S. (2017). Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. *GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)*, 21(2), 462-479. <https://pdfs.semanticscholar.org/9f43/298d51b6cf3db49560b29ce05ff9352787d2.pdf>
- Whitacker, A.M. (2007). Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. *Scripta Nova*, 11, 24. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2475135>
- Zamboni, D. (2018). *A territorialidade do capital: da fazenda ao condomínio, desenhando a cidade* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do ABC, Brasil). https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBC_a9f6c5dc2f1b5909c5fc51cf426ea561